DOR SUAVE

Hyldeth Favilla

Dôr Suave

1927

AOS IDOLATRADOS AUTORES DOS MEUS DIAS — ESTAS ROSAS DO MEU CORAÇÃO — OS MEUS VERSOS.

A PEREIRA DA SILVA,
O BONDOSO E QUERIDO MESTRE
E
A HERMES FONTES,
O SUAVE POETA DE
"MIRAGEM DO DESERTO".

A' ALMA E AO CORAÇÃO DO POETA
E AMIGO
PADUA DE ALMEIDA,
COM A "DOR SUAVE",
A MINHA GRATIDÃO.

EXPONTANEAMENTE, como o orvalho brota do céo, do meu coração nasceram estes versos.

Nelles, sinto reflectir-se a dôr ingenua da minha alma: esta dôr tantas vezes sentida, que, á força de ter sido minha constante companheira, tornou-se-me aos poucos suave.

I PARTE

Suprema prece

O' Deus! unica luz da minha vida!
Tira-me desse oceano de incerteza!
Deixa a minh'alma vaguear accesa
Num clarão de alegria incomprehendida.

Deixa-a vibrar em gloria indefinida!
Deixa-a esquecer do mundo a ancia e a aspereza.
Oh! Que nenhuma sombra de tristeza
Faça-a soffrer minh'alma dolorida.

Mas se não queres dar-lhe uma alegria,
Se vires que ha de sempre um soffrimento
Acompanhal-a em funda e ardua agonia;

Se uma angustia deixal-a subjugada,
Cobre-a com o longo véo do Esquecimento:
Assim, ao menos, não sentirá nada...

Quadras

Amar e não ser amada,
Que grande infelicidade:
E' viver sempre maguada,
A pensar numa saudade.

Saudade negra, dorida,
Tão repleta de tristeza,
Que traz minh'alma opprimida,
Num poço de angustias presa!

E' viver em noite escura,
Negra noite sem luar;
E' sentir n'alma a tortura
De uma ferida a sangrar.

E' passar a noite e o dia
Sempre cheia de afflicção.
E' trazer uma agonia
Constante no coração.

E' viver sempre sentindo
Tristezas, desillusões!
E' trazer, no peito infindo,
Fortes, pesados grilhões.

E' sentir mil garras de aço
Gravadas no coração,
E' divagar num espaço
De profunda escuridão!

E' sonhar doce futuro
Cheio de luz e esplendor,
Para despertar no escuro
Da mais cruciante dôr...

Na noite silenciosa

A' luz sentimental do «abat-jour» côr de rosa,
Sósinha, penso em ti, na noite silenciosa.

Penso em ti, penso em nós, recordo o nosso amôr,
Esse amôr de que tu te sentias glorioso,
E era tão lindo e puro e tão cheio de gôso,
Que nasceu na alegria e que morreu na dôr.

E eu chóro... Que saudade em chorar esse infindo
Amôr...o nosso amôr tão poderoso e lindo!
Esse amôr que era o amôr de toda a nossa vida,
E que, um dia, mataste, a sorrir displicente,
Anniquilando, atroz e indifferentemente,
Minha illusão mais alta e mais querida!

E eu chóro... Quanto chóro esse breve passado
Que foi por nós talvez muito mais adorado
Do que a luz pelo sol e o sol pelas alturas!
Tenho saudade dos teus olhos diamantinos,
Do teu meigo olhar, dos teus olhos divinos,
Tão cheios de paixão e de ingenuas doçuras!
Tenho saudade e chóro: eu chóro, meu querido!
Tenha saudade, sim, porque te anhelo ainda;
E porque no meu peito este amôr não se finda.
E chóro porque tenho o coração partido,
Vendo o meu pobre amôr, tão grande, e assim tão terno
Morrer sem esperança! Eis meu martyrio eterno!

E... eis porque soffro em vão na noite silenciosa,
A' luz sentimental do «abat-jour» côr de rosa...

Desanimo

Porque será que eu vivo assim desanimada,
Senhor! de tudo duvidando
E assim indifferente?!
Oh! porque já me sinto tão cançada
Do Mundo e dessa vida tão descrente?

Porque sinto no peito amargurado
Essa tristeza longa e infinda,
Esse atrocissimo soffrer?
E porque sinto o coração maguado
Do tedio de viver?!

Porque, meu Deus, sentindo a mocidade
Em meu peito vibrando,
Feliz, enthusiasmada,
Espero a morte em fria ansiedade,
E vivo assim tristonha e despreoccupada?

Eu, que quizera ser feliz e forte,
Sinto-me desditosa, enfraquecida!
Sinto não ter mais animo
Para ainda viver!

Eis porque, ó meu Deus, tanto desejo a morte.
Eis porque, a passar a vida, toda a vida
Em constante desanimo,
Eu prefiro morrer...

Fatalidade

Tudo entre nós findou, mais uma vez, querido;
Meu coração, ferido
E desolado, chora de amargor!
Não me amas; sim...Depois, és o mais forte...
E já sabes que sempre, até a morte,
Hei de ti amar assim, com este ardor...

Apezar dessa lucta acerrima e renhida,
Essa lucta grandiosa, indefinida,
Que se trava em meu peito,
Entre o meu coração e a minha intelligencia,
Para vencer o amôr, desprezo a consciencia,
Calco o orgulho ferido, e tudo acceito...

E' este o meu destino; é esta a minha sina:
Luctar contra esse amôr, que a sorte me destina,
E' luctar sempre em vão durante a eternidade!

Oh! a Vida é tão curta e o Destino tão rude...
Porque em luctas gastar a juventude,
Se és invencivel, ó Fatalidade!...

Illusões perdidas

Tudo na vida é assim...
Tudo é assim nesta vida...
Quando julguei tel-as bem junto a mim,
Não mais as encontrei. .
Deixaram-me illudida
E, sósinha a chorar!
E, assim, por muito tempo, eu fiquei.. eu fiquei
Abandonada... languida... esquecida
Sem mais as encontrar...

Como folhas que vôam pelo vento,
Silenciosamente,
As minhas illusões me abandonaram,
Deixando-me envolvida
No véo pungente do Esquecimento!
Oh! Desde então, em ancias incontidas,
Vivo a chorar desesperadamente
A distancia profunda e indefinida
Da ingratidão em que ellas me deixaram,
As minhas lindas illusões perdidas!

Tudo é assim nesta vida.
Enfim tudo na vida é assim...
Mais vale eu me fingir esquecida...oh! esquecida!
E' melhor eu deixar de procural-as;
Pois quanto mais eu fôr buscal-as,
Mais fugirão de mim...

Quem me faz triste

Eu vivia feliz e descuidada;
Não conhecera a Dôr:
Minha vida era clara, ardente, illuminada...
Eu vivia feliz e descuidada...
E quem me fez assim tão triste? O Amôr...

Eu era alegre como a andorinha
Que vôa confiante, sem temôr
De captiva ficar na alheia vinha;
Eu era alegre como a andorinha...
E quem me fez assim tão triste? O amôr.

Minha vida era limpida e risonha:
Por isso, amava-a com fervente ardôr...
Hoje, vivo entre lagrimas, tristonha...
Minha vida era limpida e risonha...
E quem a fez assim tão triste? O Amôr...

O Amôr...O Amôr foi quem me fez assim...
Minha angustia é maior que um deserto sem fim.

Meu coração

Meu coração é o fulgido sacrario
Onde guardo, sincera e commovida,
A sombra azul de uma illusão querida!
E' o precioso e rutilo relicario
Onde o meu pobre espirito tristonho
Guarda a lembrança de um longinquo sonho...

E' um livro ardente de mil folhas de oiro,
Onde, eu, piedosamente,
Escrevi uma historia commovente...
Livro que é o meu maior thesoiro:
Pois leio em sua pagina sentida
A minha longa historia commovida!

E' um régio e grande cofre de velludo,
Onde encerro, tristissima e chorosa,
Minha recordação mais dolorosa...
E' uma especie de tumulo, onde tudo
Encerro: minhas velhas alegrias
E os prantos de hoje, em lagrimas sombrias.

Meu coração és o sacrario
De minha dôr;
E's o dorido relicario
Onde trago a illusão de um pobre amôr...

A lenda da rosa triste

Sobre um muro arruinado, entre fendas, tristonho,
Um rosa sanguinea arfa, talvez, num sonho:

Seu aspecto é tão triste e tão sentido
Que, vendo-a, sinto o peito offegar, opprimido!

Oh! Sim! Porque esta flôr tão só, tão esquecida,
Fez-me lembrar a minha triste vida...

Vida repleta de desillusões,
Cheia de grandes desolações
E de amarguras!
Longas noites escuras

De vigilias tristissimas infinitas!
De sonhos vãos e de illusões malditas!

Vida de solitaria alma tristonha,
Que vive a soluçar, mais que ainda sonha!

A dolorida historia
De minha propria vida merencorea,

Eu lembrei vendo a rosa, essa pendida,
Sobre um muro arruinado, a sonhar esquecida!

Destino

Oh! Que monotono e tristonho dia:
Não se vê alegria
Em nenhum coração!
E esse dia tristonho, essa tarde chuvosa
Faz-me lembrar o dia em que, triste e chorosa,
Vi fugir minha ultima illusão.
E, assim com essa chuva intermittente,
Que, ininterruptamente,
Cae nas vidraças a cantar,
Sinto, bem junto d'alma, o martellar
De todo o soffrimento lacerante
Que tive por te amar!
Sim! O amôr que floresce e tanto sonho traz,
Que derrama nos peitos goso e paz,
Só trouxe para mim, para o meu coração,
A dôr mais lacerante, a mais negra e sentida,
Esta dôr que se teme e se soffre na vida:
Uma desillusão....

Eis o que trouxe a mim o amôr!
O amôr, que é pelas almas esperado,
O amôr, que sinto com tão forte ardôr,
Eis o que elle me trouxe, meu amado:
Uma desillusão, — bem negra dôr...

E tudo isto, porque? Porque eu, na vida,
Não soube me fazer comprehendida
Por aquelle por quem julgava ser amada!
A culpa, de quem é? Do Destino cruel,
Que me deu friamente um calvario de fel,
E esse amôr que é uma cruz: uma cruz bem pesada...

Os olhos de Hyde

Os teus olhos, querida,
São dois jardins, são duas fontes, são dois mundos:
Suggerem labyrinthos tão profundos
Que eu não sei desvendar...
Nem sei porque, mas quando a noite é immensa,
Quando a luz do luar a terra incensa,
Só penso em teu olhar...

Por isso, quando o luar
Derrama alvores lividos, funeraes,
Sobre a terra,
Medito em teu olhar,
Tão cheio de mysterios,
Penso na luz mysteriosa que elle encerra,
E quedo pensativa...
Pois teu olhar,
Pois os teus olhos sonhadores,
Têm tal fascinação, são tão fascinadores,
Que é bastante evocal-os
Para logo sentir-se o fluido ardor
De sua luz quente e penetrativa...

Mesmo assim,
Quero pensar em ti e recordar os sonhos
Que me fazem sonhar os teus olhos tristonhos,
Olhos de cherubim,
Faiscantes de amôr...
O teu olhar repleto de abandono,
Dolente como o somno,
Sentido como a dôr...

Enlêvo pagão

Dá-me o calor da tua mão, querido...
Oh! Deixa-me sonhar com os teus olhos nos meus!
Queres? Dou-te o calor do meu beijo sentido,
Avido, a ansiar os labios teus!
E, nos teus braços, com soffreguidão,
Quero sentir, bem junto do meu peito,
Ferver teu coração...
De mãos entrelaçadas,
De rosas as cabeças coroadas,
O olhar em teu olhar morno e desfeito,

Seremos como dois passaros em seus ninhos!
Pelo mundo, a cantar o nosso amor,
Sempre, sempre a sorrir por todos os caminhos,
Sem jamais conhecermos uma dôr.
Vamos sonhar, querido!
Vê como o nosso peito está florido!
Beijo-te os olhos; e o teu beijo ardente
Beija-me as frias mãos perdidamente...

Escuta como bate aqui meu coração:
Elle está transbordando de emoção.

Lagrimas

Partiste! E, então, me viste soluçar
E nos teus olhos cheios d'agua me revi.
Lagrimas valem só para quem sabe amar:
Para mim, que te amei e que te comprehendi!

Que divina eloquencia havia em teu chorar!
Lagrimas claras como as tuas nunca vi!
Quando de gotta em gotta eu vi rolar e ansiar
Teu pranto, uma alegria indizivel senti...

Sim; porque tua dôr chorava, a me dizer,
Nessa linguagem vã que só póde entender
A alma que adora e sonha:—«Oh! sempre hei de te amar!

Sim! Porque toda a vida uma lagrima exprime:
No goso e na afflicção, ella em tudo é sublime.
Feliz... feliz quem chora e quem pode chorar!...

O cão do cego

Dia e noite, calcando o solo poento,
Vacillando nas pedras do caminho.
Em farrapos, trazendo a roupa desbotada,
A mendigar um pão, um lar, um ninho,
Ia o pobre do cego pela estrada...

Fazia pena vel-o assim velhinho,
A estender a hesitante e magra mão,
Para esmolar, de casa em casa, um pão,
Tendo por guia o seu pobre cãosinho!...

Não havia ninguem, lá pela aldeia,
Que não amasse o pobre do ceguinho.
Por isso todos lhe guardavam ceia:
Leite, manteiga, um fresco e alvo pãosinho,
Para o cego e seu cão.

Porém, um dia, um caridoso aldeão
Foi encontrar o triste pobresinho
Morto. Sobre uma pedra do caminho,
Uivava junto delle o fiel cão...

Mas tudo se arranjou: e, como o padre
Da aldeia tinha um nobre coração,
— Ajudado da Igreja, a Santa Madre
Do pobre e do christão,
Que os humildes protege á sombra da sua aza, —
Enterrou o mendigo, e o pobre cão
Levou, scismando, para a sua casa...

O cão a casa toda percorreu,
Procurando o seu dono:
O dono do seu eu...
Não achando-o, fugiu, e, hirsuto e absorto,
Pela aldeia vagou em abandono,
Até que um dia alguem foi encontral-o morto,
Bem sobre a sepultura do seu dono...

A' minha mãe

Descrente deste mundo, desta vida,
Não tendo mais na terra uma illusão
Que me afague e illumine o coração,
Só ainda não estou desilludida
Do amôr de minha Mãe.

Dos risos de bondade que entrevejo,
Tão falsos e tão cheios de maldades
Só de um não fujo, e antes o amo e o desejo:
E' o sorriso de eterna claridade
Do olhar de minha Mãe.

Oh! Não creio na força da amizade,
Nem no ardente condão das sympathias:
Na vida só encontrei sinceridade,
Só encontrei doçuras e alegrias,
Na alma de minha Mãe!

Sim! Só em ti eu creio, ó Mãe Amada,
Só tu és o clarão de minha vida:
Se um dia eu te perder, abandonada
Ficarei para sempre, Mãe querida!

Deus

Deus!
Eu te venero immenso,
Porque bem sei quem tu és!
Minh'alma é o fulgido incenso
Que eu queimo aos teus fluidos pès.

Deus!
Ser Todo Poderoso
O' extranho Rei da Gloria:
E's o guia mysterioso
Que me conduz á victoria!

Deus!
    Quando em perigo estamos,
    E' só a ti que chamamos,
    A ti que nos vem salvar!

Deus!
    Si ao proximo perdoamos,
    A' tua sombra ficamos,
    O teu perdão a aguardar!

Visão do Calvario

Sobre o outeiro maldicto, a tarde vae descendo,
E, além, como o sol-pôr, Jesus soffre e agonisa...
 A tarde vae morrendo...
 O vento, as aguas, tudo
 Acompanha, gemendo,
 As horas de agonia
Do roxo Christo, inane, esguio e mudo...
A tarde, no ar, como um vulcão de luz, se irisa
 E adensa...
 E Jesus agonisa
 Com a sua febre immensa...
De instante a instante, brada a ventania;
Seus gritos roucos, lugubres, pungentes,
Parecem maldizer os despreziveis entes
Que assim fazem soffrer o filho de Maria!
Alguem chega-se aos pés negros da cruz:
E' uma loura mulher de «peplo» esvoaçante,
Em cuja face raia um luar de dôr... E, arfante,
Fica um momento a contemplar Jesus...
Em seus olhos de sonho e de arrependimento,
Lavra uma intensa agonia de amôr,
 Que o Excelso Redemptor

A' peccadora disse, em claro e inebriante accento
Que lembrava o romper de uma manhã:
—«Deus ha de te perdoar por teu tão alto soffrimento;
Não chores, minha irmã!»
E a sua voz era tão suave e amena,
Tão serena, tão doce e embriagadora
Que ao ouvil-a, Maria Magdalena
Sentiu o coração
Transbordar de emoção
Por aquelle que, em sua alma peccadora,
Baixara a luz divina do Perdão!

A tarde vae morrendo, a arder como um vulcão de opala...
E Jesus, quando exhala
O ultimo alento, a sua alma é tão serena
Como a de alguem que, confiando em seu porvir,
Scisma despreoccupado e adormece a sorrir...
Ouvindo-o, Magdalena,
Que está bem junto aos pés negros da cruz,
Disse-lhe, num transporte
Sincero e triste como a propria morte:
— «Adeus, Jesus, meu sol... minh'alma... Adeus, Jesus!»

E prostrou-se chorando.. Um clarão de ternura
Subia-lhe da fronte, enchendo a terra e a altura...

II PARTE

Egide preciosa

(A Padua de Almeida)

Perguntando a um heroe, um certo dia,
Como, na vida barbara e illusoria,
Conseguira vencer com galhardia,
Elle me disse a sua propria historia.

Fallou-me: «Eu era um louco e só vivia
Em ansias. Esta vida merencoria
Eu julgava alegrar com a phantasia
Dourada e ardente de encontrar a Gloria...

Luctei: mas foi tão vã a lucta insana!
Soffri: toda a miseria e e a dôr humana,
Tudo quanto é tristeza eu conheci.

E, já cançado, exanime e descrente,
A' vida, á tudo fiz-me indifferente...
Foi então, minha amiga, que eu venci!»

Aos cadetes do Brasil

(Para Emilio Abdon Póvoa)

Cadetes jovens de feições galhardas,
Sentindo o sol nos olhos palpitantes,
Tendo as divisas a esplender nas fardas,
Ardentes como flammas crepitantes!

Sacerdotes da Patria! O' fortes guardas
D'este ninho de serras deslumbrantes!
Vêde! O Brasil, das torres ás mansardas,
Confia em vossos fulgidos semblantes!

Cadetes! Eu vos saúdo jùbilosa
A vós! E vos saùdo na alegria
De uma extranha ansiedade luminosa!

Oh! Sim! Porque, no rosto e na alma accesa,
Guardaes todo o clarão de um meio-dia
De esperança, de força, de nobreza!

A um Poéta

Eu, que não te conheço e não sei quem tu és,
Eu, que nunca te vi,
Dos teus versos direi, versos que um dia li,
Eu vou falar de ti:
Eu, tão debil que vês sob os teus pés!
Quem tu és eu não sei;
Mas posso te dizer,
Pelos versos que escreves, encontrei
Outro ser que ha em ti, espiritual,
Que, sendo como um sol, por todos adorado,
Feliz não póde ser,
Porque, embora invejado,
Anda á procura de um remoto ideal...

E, por isso,
Embora invejem os teus louros, Poéta,
Esses louros que a Vida entretecer-te quiz,
Apezar da alta gloria que te espera,
Um tedio vil teus olhos desespera
E tu não és feliz!
Não és feliz: tenho sentido
E tenho comprehendido,
Que, nos versos que espalhas pelo mundo,
Se tu não és feliz,
E' porque guardas da alma o turbilhão profundo
De uma saudade que ficou:
Ideal nunca attingido e já perdido,
Velho ideal que era triste como eu sou!

Bilhete perdido

Meu poéta carissimo:

Hontem, por um motivo futilissimo,
Fiquei assim triste e um tanto zangada:
Ficaste indifierente e sentido commigo...
E, no entanto, não fui eu a culpada:
Sómente tu, amigo,
Com os teus argumentos complicados...
O culpado de tudo, o culpadissimo
De, hontem, por um motivo futilissimo,
Termos ficado indifferentes e zangados,
Poeta, eu que o diga.
Eu sempre fui tua maior amiga
E disto sempre dei provas incontestaveis.
Por isso é que ainda venho, em palavras amaveis,
Desfazer a impressão que, hontem, tiveste,
Quando, amigo, soubeste
O meu horrivel modo de pensar...

Quando te fiz sciente
De que, apezar de não ser muito indifferente
A' tua gentilissima pessôa,
Como o desejas... Oh! meu Poeta, perdôa!...
Eu não te digo tal para te melindrar...
Amigo, ouve o que te vou dizer:
Se eu não posso te dar meu coração,
Se o teu amôr leal eu não posso acceitar,
Faço grande questão
De sempre, sempre, ser
Tua maior amiga...
E julgo que não é preciso que t'o diga
Que serás sempre o meu amigo mais dilecto,
O mais querido...
E, escuta o que te digo, ao teu ouvido:
Serás, vês? o meu Poeta predilecto...

Carta

(Ao Poéta Alvaro Martins da Costa)

Senhor: eu lhe agradeço, penhorada,
Os versos que me offereceu um dia,
Aquelles versos cheios de alegria,
Onde me disse o quanto sou amada.

O quanto eu sou querida, idolatrada,
Quanta saudade o meu Papae sentia,
Disse o senhor naquella poesia
De doçura e bondade impregnada.

Ao lêl-a, ó meu senhor, tão commovida,
Tão captiva de si e enternecida
Fiquei com sua bella poesia,

Que a Deus pedi, numa sincera prece,
Que alegrias lhe dê, como merece,
Como o senhor me deu, naquelle dia.

Pedras preciosas

(A Herman Lima, festejado autor do "Tigipió", e outros illustres intellectuaes que tiveram a excelsa gentileza de florir meu album com os seus atographos).

Tenho em meu album pedras preciosas
Que, lá, refulgem com magnificencia:
São estrellas cadentes, nebulosas
De aureos sonhos em plena florescencia.

Aqui, são grandes perolas radiosas
De um coração que chora com vehemencia;
Ali, rubis, saphiras luminosas
De uma esplendente e fulgida ignescencia.

Topazios, amethystas e diamantes:
Eis o infinito e lúcido thesouro
Que me déstes, ó bardos fulgurantes!

Sim, ó bardos de rútilos descantes!
Sim! Vossas musas são cigarras de ouro
Que vão cantando em rimas offuscantes...

Homenagem amiga

(A Venturelli Sobrinho)

Oh! Minh'alma de artista enthusiasmada
Vibrou, quando os teus versos palpitantes
Ouviu. Teus versos são de fogo, estuantes
Qual musica de ardores inebriada...

Tua incansavel musa, saturada
Em fontes de emoções alucinantes,
Como canta os anseios estonteantes
De tu'alma radiosa e apaixonada!

E's um poéta fecundo e grandioso!
Auguro-te um destino ardente e infindo,
Um futuro risonho e glorioso.

Que as cordas de ouro e luz e diamantes
De tua lyra vibram, refulgindo
Em turbilhões de versos offuscantes!

Contradicção

Agora sou feliz! Sinto meu ser
Vibrar de enthusiasmo e de calor!
Já não sinto essa grande, immensa dôr
Que minh'alma sentiu por te querer!

Oh! Embora não saibas comprehender
O bem que te consagro e o terno ardor
Que sinto por teu ser... o nosso amor
Lembro, num mar intenso de prazer!

Mas donde veio assim tão de momento,
Esta paixão, este contentamento
Que assim me faz viver illuminada?...

Oh! Porque a tua ausencia me tortura!
Porque te amo assim triste e com loucura?
E' porque nunca fui por ti amada...

Porque és triste

(A' bôa amiguinha Maria Póvoa)

E's bella: tua face, ó querida, é sedosa,
E' como a luz de um sol de raios bemfasejos!
Teus olhos... ah! quem vê teus olhos tem desejos
De morrer por tua alma esquiva e suspirosa.

Falas; a tua voz macia e carinhosa
Tem o som cadencial de divinos harpejos.
Até parece, ao luar, a musica dos beijos
Que trocam, soluçando, o colibri e a rosa!

E's moça, és invejada, és bella, és tão querida...
No entanto minha amiga, eu sinto que esta vida
Ingrata, nunca deu a ti o ansiado ideal!

E é por isto que vejo em teu olhar tristonho
A miragem sublime e longinqua de um sonho,
Um sonho que se esvae a arder numa espiral...

Falsa alegria...

Qnem me vê alegre e sorridente,
Julgará que ainda não conheço a Dôr;
Quem me vê tão risonha, tão contente,
Pensará que amo a Vida com ardor.

E assim vivo a sorrir fingidamente,
Com este sorriso eterno, enganador,
Trazendo n'alma em sombra, amargamente,
Espinhos cruciantes de amargor!

Quem, vendo este meu riso claro e altivo,
Julgará que sou triste, e triste vivo
A procurar a morte com fervor?

Ninguem. Minha alegria surprehendente
Não deixará vêr que, n'alma, tristemente,
Guardo a historia infeliz de um pobre amor...

O nosso amor

Tu me olhaste e eu te olhei...
E, depois, muitas vezes teu olhar fundo encontrei.
Olhando-nos querido, conheci o Ceo
E foi assim que o nosso amor nasceu.
Depois, tu me sorriste e eu te sorri...
Neste sorriso foi que te comprehendi
E teu ardente coração minh'alma comprehendeu.
E foi assim que o nosso amôr viveu.

O tempo foi passando, assim fomos vivendo
E cada dia mais fomos nos comprehendendo.
Nunca sentimos a agonia de uma dôr:
Cada dia mais profundo se elevava o nosso amor.
Mas um dia... (sempre ha um «mas» em tudo nesta vida)
Ficaste indifferente, e eu fria e aborrecida...
E depois, nem eu sei como isso se deu!
Num instante, o nosso amor esfriou . . . e morreu...

Uma visão

(Para o album de uma prima).

Uma tarde mimosa e bella a vi.
E, naquelle momento, ó minha amada,
Julguei-a uma verdadeira fada,
E assim julgava-a quem a visse ali.

Passara junto a mim tão palpitante
Qual doida borboleta esbelta e airosa,
O ar impregnando, languida, formosa
De um perfume subtil, estonteante...

E, abstrahida, a fital-a embevecida,
Fiquei divinamente extasiada
De ver tanta belleza accumulada!

Mas... de repente me senti batida
Por uma forte luz que me illumina...
Era a luz dos teus olhos... luz divina...

"Recuerdo"

(A' Cidade de S. Paulo).

Oh! Com toda a emoção do meu carinho,
Volto a revel-a, anciosa e prazenteira!
E sinto o coração triste e sózinho,
Vibrar uma alegria alviçareira.

Exulto, como o alegre passarinho
Que, deixando a gaiola prisioneira,
Encontra novamente o antigo ninho,
Enchendo de harmonia a terra inteira!

Sim, Paulicéa amada! Que saudade!...
Que mundo enorme de recordações
Sinto, ao revel-a, ó fulgida cidade!

E' que, revendo-a, vêjo, como em sonho,
O repassar das minhas illusões...
E o coração deixa de ser tristonho...

Amanhecer

A estrella da manhã, clara e orgulhosa
De não ser pelas nuvens dominada,
Parece uma aurea fada blandiciosa
Que viesse annunciando a madrugada.

Oh! Quando a aurora fulge alva e radiosa,
Como é alegre assistir a passarada
Cantar seus hymnos a amplidão gloriosa,
Voando sobre a terra em debandada!

Como é formosa a vida nesta hora!
Bellas nuvens prateadas vão, agora,
Espalhando-se como ondas de lyrios...

Logo após, uma névoa de diamante
Dá passagem ao Sol, que alto e faiscante,
Accende os véos da aurora em raios tyrios...

A cigarra

Cigarra, pobre cigarra,
Na tua grande algazarra,
A cantar, sempre a cantar,
Com tua voz estridente,
Fraca ás vezes ou fremente,
Vens aos tristes alegrar.

Sim! Com a tua alegria,
Tu, ao vir rompendo o dia,
Salvas o acordar da aurora:
Dos mares aos céos divinos,
Os ninhos abrem-se em hymnos,
E tudo é alegre nesta hora!

Oh! Como é delicioso,
Bello, sublime, formoso,
Vêr a aurora despertar:
Como te sente o meu peito,
Quando, ainda no meu leito,
Te ouço o radiante cantar!

Salve a ti, Cigarra bella,
Quando eu, da minha janella,
Namoro a tua canção,
Que vibra de galho em galho;
Pois tens um lindo trabalho:
Guiar a luz do Verão!

Noite de luar

No alvo horizonte, a lua prateada
Destaca-se em um profundo céo de anil:
De estrellas e de nuvens rodeada,
Vemol-a scintillar no espaço heril.

No espaço transparente, assoberbada,
Pela sua belleza senhoril,
Das estrellas a lua é a deusa amada
E o seu reino é o clarão do céo febril...

Bemdita sejas, lua prateada!
Porque, quando te vemos, a alegria
Sempre brilha em noss'alma angustiada.

Tudo é silencio; a noite enluarada
Faz-nos pensar que estamos vendo o dia!
Com todo o resplendor de uma alvorada!

Os pyrilampos

A' noite, quando scismo entristecida,
Pensando nas agruras desta vida,
Se alongo a vista pelos campos,
E fico distrahida a meditar,
Gosto de vêr a luz dos pyrilampos
A se accender e a se apagar...

Fogos-fatuos que brilham num instante,
Sonhos de amor de um coração amante
Que não se cança
Jamais de palpitar...
Lanternas, a tremer, côr de esperança,
Que mal se accendem, tornam-se a apagar!

Chuva de perolas douradas,
Lindas estrellas verdes, dispersadas
Nas noites negras ou de luar:
Sois, pyrilampos,
Dos vastos campos
Os fogos-fatuos de bonança,
As magicas lanternas da Esperança,
Que mal se accendem tornam-se a apagar...

Soror Thereza da Melancholia

(Ao sentido poeta de "Solitudes"
Pereira da Silva).

Em sua pobre cella estreita e fria,
Ella scisma. Seu rosto côr de opala
Demonstra bem a angustia que a apunhala...
Pobre Thereza da Melancholia!

Uma onda de perfume ao céo se exhala...
E os olhos de Soror, que ansia embacia,
Fixam a harpa chorosa: e uma agonia
Todo o ambiente da cella inunda e abala...

E ella canta; e, ferindo a harpa querida,
Pede a Deus, numa prece commovida,
Que a sua vida só na dôr consista...

E diz, num hymno de devotamento:
— «Bemdicto sejas, o meu soffrimento!
Pois foi soffrendo que me fiz artista...»

INDEX

I PARTE

II PARTE

Aos dez dias do mez de Julho de mil novecentos e vinte sete, «Dôr Suave» acabou de imprimir-se nas officinas do «Brasil Contemporaneo».

Errata

Diga-se :

Pags.

15 — Faça soffrer minh'alma dolorida.

20 — Tenho saudade e choro;

30 — Eu lembrei vendo a rosa, essa rosa pendida.

36 — Derrama alvores lividos, funerios.

47 — Lavra uma tão intensa agonia de amor.

54 — Cadetes ! Eu saúdo jubilosa.

58 — Entre o 3.º e 4.º verso, accrescente-se : — "Não poderei te amar".

64 — De tua lyra vibrem refulgindo.

69 — Quem me vê tão alegre e sorridente.

86 — Bemdicto sejas, ó meu soffrimento.